

Série Educação Cidadã 2

BONITEZA DE UM SONHO

Ensinar-e-aprender com sentido

Moacir Gadotti

Presidente do Conselho Deliberativo do
Instituto Paulo Freire

Professor titular da
Universidade de São Paulo

São Paulo, 2011

Ed,L

Editora e Livraria
Instituto
Paulo Freire

5. Aprender com emoção, ensinar com alegria

A educação é necessária para a sobrevivência do ser humano. Para que ele não precise inventar tudo de novo, necessita apropriar-se da cultura, do que a humanidade já produziu. Educar é também aproximar o ser humano do que a humanidade produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo numa sociedade baseada no conhecimento.

O professor precisa saber, contudo, que é difícil para o aluno perceber a relação entre o que ele está aprendendo e o legado da humanidade. O aluno que não perceber essa relação não verá sentido naquilo que está aprendendo e não aprenderá, resistirá à aprendizagem, será indiferente ao que o professor estiver ensinando. Ele só aprende quando quer aprender e só quer aprender quando vê na aprendizagem algum sentido. O aluno não deixa de aprender porque é “burrinho”. Ao contrário, às vezes, a maior prova de inteligência encontra-se na sua recusa em aprender. Aprender

der vem de “ad” (junto de alguém ou algo) e “*praehendere*” (tentar prender, agarrar, pegar). Aprendemos porque **somos seres inacabados**: as tartarugas nascem “sabendo” o que precisam. Nascem na praia sem a presença da mãe. Mesmo assim, “sabem” que devem ir logo para o mar, caso contrário, podem acabar na boca de algum predador.

Os seres humanos, contudo, nascem frágeis; se abandonados, mesmo com alguns meses de vida, morreriam, se os pais não os alimentam.

Nós, seres humanos, não só somos seres inacabados e incompletos como temos consciência disso. Por isso precisamos aprender “com”. Aprendemos “com” porque precisamos do outro, fazemo-nos na relação com o outro, mediados pelo mundo, pela realidade em que vivemos.

O que acontece conosco é que, se o que aprendemos não tem sentido, se não atender alguma necessidade, não “apreendemos”. O que aprendemos tem de “significar”. Alguma coisa ou pessoa é significativa quando deixa de ser indiferente. Esquecemos o que aprendemos sem sentido, o que não pode ser usado. Guardar coisa inútil é burrice.

O corpo aprende para viver. É isso que dá sentido ao conhecimento. O que se aprende são ferramentas,

possibilidades de poder. O corpo não aprende por aprender. Aprender por aprender é estupidez. (ALVES, 2002, p. 3).

Todo ser vivo aprende na interação com o seu contexto: aprendizagem é relação com o contexto. Quem dá significado ao que aprendemos é o contexto. Por isso, para o educador ensinar com qualidade, ele precisa dominar, além do texto, o “com-texto”; além de um conteúdo, o significado do conteúdo que é dado pelo contexto social, político, econômico, histórico... do que ensina. Nesse sentido, todo educador é também um historiador.

Nós, educadores, precisamos ter clareza do que é **aprender**, do que é “aprender a aprender”, para entendermos melhor o ato de ensinar. Não basta saber como se constrói o conhecimento. Nós precisamos dominar outros saberes da nossa difícil tarefa de ensinar. Precisamos saber o que é ensinar, o que é aprender e, sobretudo, como aprender.

O que é aprender?

Aprender não é acumular conhecimentos. Aprendemos história não para acumular conhecimentos, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a história para fazermos história. *O importante é aprender a pensar* (a realidade, não pensamentos),

aprender a aprender.

É o sujeito que aprende através da sua experiência. Não é um coletivo que aprende. Mas é no coletivo que se aprende. Eu dialogo com a realidade, com autores, com meus pares, com a diferença. Meu texto, este texto que estou escrevendo agora, por exemplo, é resultado de um diálogo: diálogo com o contexto, com os educadores, presentes em diversas palestras, com os autores que li etc.

Aprende-se o que é significativo para o projeto de vida da pessoa. Aprende-se quando se tem um projeto de vida. *Aprendemos a vida toda*. Não há tempo próprio para aprender. E mais: *é preciso tempo para aprender* e para sedimentar informações. Não dá para injetar dados e informações na cabeça de ninguém. Exige-se também disciplina e dedicação. Como diz Paulo Freire: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 1997, p. 25).

Só aprendemos quando colocamos **emoção** no que aprendemos. Por isso, é necessário ensinar com **alegria**. (SNYDERS, 1986). Nossas escolas continuam preocupadas em ensinar e não param para pensar o que é ensinar, como se aprende, porque se aprende. “Dar aulas” tem-se constituído na única preocupação da escola. Tudo se resume na “aula”. Precisamos parar para pensar a escola, pensar no que estamos fazendo. O profes-

sor Pedro Demo acha inacreditável que a escola prossiga meramente “dando aulas”, em vez de estar cuidando da “aprendizagem de todos os estudantes”. (DEMO, 2001).

Um **concurso para professores** traça o perfil do candidato. Elabora questões. Define bibliografia. Define o processo de seleção: dá pesos diferentes (juízo de valor) às partes da prova escrita, faz ou não entrevistas, considera ou não o “tempo de serviço”, a experiência, a prática, considera ou não os títulos... Um concurso para professores define “o professor” que quer. Somos escolhidos.

E nós, professores, escolhemos também? Que sentido tem nos submetermos ao processo de seleção? Queremos ser aprovados para quê? Há um projeto que nos move? Ou nos submetemos passivamente ao “perfil” exigido pelo concurso? Por que não definimos as características a serem valorizadas no processo de seleção? Por que não definimos o processo de seleção? Com quem trabalharemos? Com quem construiremos um projeto de vida, de escola, de educação, de sociedade? O que nossos alunos e alunas esperam de nós? Precisamos passar no “concurso do sentido” que tem o nosso fazer pedagógico. Precisamos usar estrategicamente os concursos públicos para professor para viabilizar um projeto de vida, um sonho.

Emprego. O sistema trata o professor apenas

como uma “vaga”? O sistema, ao abrir um concurso, está chamando para um emprego. E nós, estamos nos candidatando a uma vaga, ou a um projeto de vida a ser realizado, a um sonho?

E, finalmente, conseguimos um “emprego”. E agora? É cada vez mais difícil manter-se no “emprego”, na profissão, principalmente pelo desrespeito, pela indisciplina, pelo desinteresse e pela violência que contaminam muitas de nossas escolas. Há muitos professores e professoras que se sentem infelizes na escola e principalmente na sala de aula. Falta interesse, falta disciplina, faltam objetivos claros, enfim, falta sentido para o que ensinam. O aluno também não vê sentido no que está aprendendo na escola. E vem a pergunta desalentadora: “Para que estou estudando isso, professora?”; “Para que estudar?”.

Em muitas de minhas palestras, uma pergunta, dita de diversas maneiras, me chega à mesa: “O que devo fazer?”; “O que o senhor faria no meu lugar?”.

O aluno quer saber, mas não quer aprender, não quer aprender o que lhe é ensinado e nem como lhe é ensinado. E o conflito, o desinteresse, a indisciplina, a violência nas escolas estão crescendo. A escola ensina num paradigma e o aluno aprende num outro. O que fazer diante do paradoxo: **o aluno quer saber, mas não quer aprender?**

A escola precisa estar atenta às mudanças profundas que o contexto midiático contemporâneo está provocando na cabeça de crianças e jovens. Em média, no mundo, uma criança passa quatro horas diárias em frente à televisão. No Brasil, são oito horas. Em média, no mundo, a criança passa oito horas diárias na escola. No Brasil, são 4 horas. E mais: os professores passam mais tempo com as crianças do que os pais. Passamos muito tempo na escola, passamos muito tempo diante da televisão.

A criança passa muito tempo sentada diante da televisão porque sente prazer em ficar lá. O que o professor fala não exerce o mesmo fascínio da TV.

Cada vez mais as crianças chegam à escola transportando consigo a imagem de um mundo – real ou fictício – que ultrapassa em muito os limites da família e da comunidade de vizinhos. As mensagens mais variadas – lúdicas, informativas, publicitárias – transmitidas pelos meios de comunicação social entram em concorrência ou em contradição com o que as crianças aprendem na escola. Estas mensagens televisivas surgem sempre organizadas em rápidas sequências (sic) o que, em numerosas regiões do mundo, têm uma influência negativa sobre a capacidade de manter a atenção, por parte dos alunos

e, portanto, sobre as relações na aula.

Passando os alunos menos tempo na escola do que diante da televisão, a seus olhos é grande o contraste entre a gratificação instantânea oferecida pelos meios de comunicação – que não lhes exige nenhum esforço – e o que lhes é exigido para alcançarem sucesso na escola. Tendo assim perdido, em grande parte, a preeminência que tinham na educação, professores e escola encontram-se confrontados com novas tarefas: fazer da escola um lugar mais atraente para os alunos e fornecer-lhes as chaves de uma compreensão verdadeira da sociedade da informação.

O professor deve estabelecer uma nova relação com quem está aprendendo, passar do papel de “solista” ao de “acompanhante”, tornando-se não mais alguém que transmite conhecimentos, mas aquele que ajuda seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando, mas não modelando os espíritos, e demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que devem orientar toda a vida. (DELORS, 1998, p. 154-155).

Essas considerações são do Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século 21 e me parecem muito apropriadas

para explicar as dificuldades enfrentadas hoje pelos professores. São pistas para enfrentar a questão: “O que devo fazer?” “O que o senhor faria no meu lugar?”. Mas, é claro, elas não dão conta de toda a complexa questão do “saber ensinar”.

Diante das **dificuldades da prática docente**, do desencanto dos nossos alunos, muitos e muitas professoras são vítimas da “síndrome da desistência”⁷. Ela é expressa na exaustão emocional provocada pelo aumento da quantidade de trabalhos e pela despersonalização provocada pela sua baixa valorização social e reduzida realização pessoal.

São essas dificuldades que nos levam à pergunta de sempre: por que ser professor hoje? Qual é o sentido de ser professor hoje? Para que estou ensinando? Como deve ser o novo professor?

Eis, em resumo, as respostas que tenho dado com mais frequência em minhas falas, considerando o contexto da globalização e da “nova globalização” (SANTOS, 2000) emergente, que venho chamando de “planetarização” (ANTUNES, 2002;

7 Ver pesquisa sobre saúde dos trabalhadores em educação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), *Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Brasília, DF: CNTE, 1999. Essa pesquisa foi o mais amplo levantamento já realizado a respeito da educação em todo o mundo. Durante dois anos foram entrevistados 52 mil professores e funcionários de escola em 1.440 unidades das redes públicas estaduais, nos 27 estados do Brasil.

GADOTTI, 2001) e a sociedade da informação que prefiro chamar de sociedade aprendente.

1. O novo professor é um profissional do sentido. Diante dos novos espaços de formação (diversas mídias, ONGs, Internet, espaços públicos e privados, associações, empresas, sindicatos, partidos, parlamento...), o novo professor integra esses espaços e deixa de ser lecionador para ser um “gestor” (DOWBOR, 1998) do conhecimento social (popular); o profissional que seleciona a informação e dá/constrói sentido para o conhecimento; um mediador do conhecimento. “Gestor” aqui significa construtor, organizador, mediador, coordenador. Não se confunde com “gerente” de uma empresa.

O novo profissional da educação precisa perguntar-se: por que aprender, para quê, contra o quê, contra quem. O processo de aprendizagem não é neutro. O importante é aprender a pensar, a pensar a realidade e não pensar pensamentos já pensados. Mas a função do educador não acaba aí: é preciso pronunciar-se sobre essa realidade que deve ser não apenas pensada, mas transformada.

Muitas vezes, não vemos sentido no que estamos ensinando. E nossos alunos também não veem sentido no que estão aprendendo. Numa época de incertezas, de perplexidades, de transição, esse profissional deve construir sentido com

seus alunos. O processo ensino-aprendizagem deve ter sentido para o projeto de vida de ambos, para que seja um processo verdadeiramente educativo. O grande mal-estar de muitos de nossos professores e de nossas escolas está no “viver sem sentido” do que estão fazendo. O ato educativo está essencialmente ligado ao viver com sentido, à impregnação de sentido para nossas vidas.

2. O novo professor é um profissional que aprende em rede (ciberespaço da formação), sem hierarquias, cooperativamente (saber organizar o seu próprio trabalho). É um aprendiz permanente, um organizador do trabalho do aluno; consciente, mas também sensível. Ele desperta o desejo de aprender para que o aluno seja autônomo e se torne sujeito da sua própria formação.

Por isso, o novo professor precisa desenvolver habilidades de colaboração (trabalho em grupo, interdisciplinaridade), de comunicação (saber falar, seduzir, escrever bem, ler muito), de pesquisa (explorar novas hipóteses, duvidar, criticar) e de pensamento (saber tomar decisões).

O enfoque da formação do novo professor deve ser na autonomia e na participação, nas formas colaborativas de aprendizagem. Diz Paulo Freire:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala,

trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos *cansam*, não *dorrem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1997, p. 96).

3. Ensinar é mobilizar o desejo de aprender. Mais importante do que saber é nunca perder a capacidade de aprender. “Saber é saborear”, diz Rubem Alves (1981). O novo profissional da educação deve romper o divórcio entre a vida escolar e o prazer.

Para ensinar, são necessárias, principalmente, duas coisas:

- a) gostar de aprender, ter prazer em ensinar, como um jardineiro que cuida com emoção do seu jardim, de sua roça;
- b) amar o aprendente (criança, adolescente, adulto, idoso). Só aprendemos quando aquilo que aprendemos é “significativo” (Piaget) para nós e nos envolvemos profundamente no que aprendemos.

O que aprendemos deve fazer parte do nosso projeto de vida. É preciso gostar de ser professor (autoestima) para ensinar.

4. A ética é parte integrante da competência do professor, do saber ser professor. Isso significa que um professor que não tem um sonho, uma

utopia, não é comprometido... não é competente, não é ético. Não se pode educar sem um sonho. Ensinar por ensinar, mecanizar, desumanizar o processo educativo é não ser ético. Aprende-se ao longo de toda a vida, desde que tenhamos um projeto de vida. Ética do “cuidado” (BOFF, 1999), da “amorosidade”, como reiterava Paulo Freire.

A razão competente deve ser uma razão “molhada de emoção” (Freire). O papel das emoções no processo de aprendizagem é decisivo: razão e emoção não são instâncias separadas no ser que aprende (Wallon). A emoção é parte do ato de conhecer.

Em alemão, educar significa cuidar, acolher. Uma sociedade alucinada e ruidosa como a nossa não pode educar porque não pode cuidar, não pode acolher. Nela não há mais tempo para o “modo de ser cuidado”, para o encontro, mas apenas para o “modo de ser trabalho” ou exploração, nas expressões utilizadas por Leonardo Boff (1999).

5. O novo professor é também um **profissional do encantamento**. Num mundo de desencanto e de agressividade crescentes, o novo professor tem um papel biófilo. É um promotor da vida, do bem-viver, educa para a paz e a sustentabilidade. Não podemos abrir mão de uma antiga lição: a educação é, ao mesmo tempo, ciência e arte. A arte é a “técni-

ca da emoção” (Vygotski). O novo profissional da educação é também um profissional que domina a arte de reencantar, de despertar nas pessoas a capacidade de engajar-se e mudar.

Referências

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1981.
- _____. Sobre moluscos e homens. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 fev. 2002, p. 3.
- _____. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ANTUNES, Ângela. *Aceita um conselho?* Como organizar o colegiado escolar. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2002.
- _____. *Leitura do mundo no contexto da planetarização: por uma pedagogia da sustentabilidade*. 2002. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. São Paulo: Sextante, 2000.
- BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CNTE, Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. *Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Brasília: CNTE, 1999.
- CORTESÃO, Luiza. *Ser professor: um ofício em risco de extinção*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2002.
- DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. São Paulo: Cortez, 1998.
- DEMO, Pedro. *Ironias da educação: mudança e contos sobre mudança*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000a.

- _____. *Saber pensar*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000b.
- _____. *Conhecer & Aprender – Sabedoria dos limites e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DOWBOR, Ladislau. *A reprodução social: propostas para uma gestão des-centralizada*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ESTEVE, José M. *O mal-estar docente*. Lisboa: Escher, 1992.
- FERNÁNDEZ, Alícia. *A mulher escondida na professora*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D'Água, 1993.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- GADOTTI, Moacir. *Educar para um outro mundo possível*. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.
- _____. *Pedagogia da Terra*. São Paulo, Peirópolis, 2001.
- _____. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- HOLLOWAY, John. *Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Viramundo, 2003.
- IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez, 2000.
- KILPATRICK, William Heard. *Educação para uma civilização em mudança*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- MARQUES, Mário Osório. *A formação do profissional da educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1992.
- MCLUHAN, Herbert M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MORIN, Edgar. *Sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasília, DF: Unesco, 2001.

- NÓVOA, António (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto, 1991.
- O'SULLIVAN, Edmund. *Aprendizagem transformadora: uma visão educacional para o século XXI*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2004.
- PADILHA, Paulo Roberto. *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. Cortez/Instituto Paulo Freire, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PESSANHA, Eurize Caldas. *Ascensão e queda do professor*. São Paulo: Cortez, 1994.
- SANTOS, Boaventura Souza. *Fórum Social Mundial: manual de uso*. São Paulo: Cortez, 2005.
- SANTOS, Milton. O professor como intelectual na sociedade contemporânea. In: São Paulo, *Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, São Paulo, 9, 1999. Anais... : ENDIPE, 1999. v. III.
- _____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.
- _____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2001.
- SCHÖN, Donald. *Educando o profissional reflexivo*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SILVA, Jefferson Ildefonso da. *Formação do educador e educação política*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.
- SNYDERS, Georges. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1986.
- TAMARIT, José. *Educar o soberano: crítica ao iluminismo pedagógico de ontem e de hoje*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1996.
- TREVISAN, Leonardo. *[Professores são desvalorizados]*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 1 jul. 1989, p. 2.
- UNESCO. *Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014)*. Brasília, DF, 2005.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação*. São Paulo: Libertad, 2001.